

# PARECER TÉCNICO DE ANÁLISE DA PROPOSTA PRELIMINAR DA BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Parecerista: Prof. Dr. Ronaldo Goulart Duarte

Vínculo institucional: Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## **I – Apreciação global da proposta**

A proposta da Base Nacional Curricular Comum de Geografia para o ensino fundamental parte de concepção contemporânea, plural e cientificamente lastreada acerca do lugar da disciplina no ensino fundamental brasileiro. Os autores foram extremamente felizes ao dar foco à contribuição da Geografia para a construção da identidade do sujeito aprendente, isso em permanente diálogo com a ampla perspectiva da relação entre os grupos humanos e o meio físico em diferentes escalas.

Nota-se que, em coerência com a diversidade paradigmática da ciência geográfica do presente, a proposta se afasta da ortodoxia ultrapassada de fixar-se em uma metanarrativa que pretende tudo explicar. Ao contrário, o documento se abre para contribuições teóricas que estão consolidadas no cardápio epistemológico da Geografia acadêmica há algumas décadas e que já vêm buscando ampliar o seu espaço na Educação Geográfica em tempos mais recentes. Assim, sem abrir mão de explicar o mundo também pelo prisma econômico, a matriz curricular não sucumbe ao economicismo e, coerentemente, incorpora instrumentos analíticos que realçam a importância das dimensões cultural, política, ideológica e subjetiva, para citar algumas das mais relevantes, no esforço de favorecer a compreensão mais complexa do real sob a perspectiva epistemológica da Geografia.

A proposta possui também, a nosso juízo, outro grande mérito, o de ser simultaneamente inovadora e responsável. Por um lado, podemos afirmar que ela é extremamente inovadora e o que apontamos nos parágrafos precedentes é parte dos argumentos que sustentam essa afirmação. Ela também é vanguardista por incorporar a preocupação com o desenvolvimento do pensamento espacial do educando. Esse é um aporte extremamente fértil para orientar o processo de ensino aprendizagem na Geografia e para lançar diversas pontes interdisciplinares. O campo científico do pensamento espacial, genericamente conhecido com Spatial Thinking em língua inglesa, vem se desenvolvendo velozmente nas últimas décadas no exterior, notadamente nos Estados Unidos. Trata-se de temática

eminentemente interdisciplinar, envolvendo estudos da Psicologia Cognitiva, da Matemática, da Medicina, da Neurociência, da Física, da Química, da Engenharia e muitos outros. Para a Educação Geográfica, associada a uma ciência que se define a partir do espaço adjetivado de geográfico, a fertilidade dessa seara científica deveria ser autoevidente, mas não era, até então. Daí a razão para a escolha acertada, a nosso juízo, da inclusão desse aporte no currículo proposto, conforme já ocorre em diversos países.

Outros dois pontos relevantes são a preocupação de sublinhar a amálgama existente entre tempo e espaço, categorias filosóficas que só devem ser dissociadas por questões heurísticas, e a proposta ousada de organizar os conteúdos em seis eixos ou unidades temáticas. A novidade não está propriamente na ideia de organizar a proposta em eixos, já realizada em outros documentos curriculares, mas pela escolha dos temas norteadores desses eixos, os quais analisaremos adiante.

Por outro lado, afirmamos acima que a proposta combina vanguardismo com responsabilidade. A razão dessa afirmação prende-se ao fato de que as inovações enunciadas anteriormente foram combinadas a um modelo de currículo que é reconhecível pelo professor que já é regente no ensino fundamental. Em outras palavras, ainda que haja diversas inovações pedagógicas a proposta para a BNCC contempla o leque de conteúdos historicamente presentes no ensino fundamental. Isso constitui mérito indiscutível, posto que uma proposição excessivamente desalinhada com o currículo atualmente praticado demandaria iniciativas de formação continuada que poderiam inviabilizar a adesão ao novo currículo, para não falar na possível resistência de parcela significativa do professorado.

Nesse particular, merece destaque o arranjo pedagógico desenhado para o último biênio do ensino fundamental, que rompe com as regionalizações tradicionalmente adotadas sem romper com o conceito de região como fundamento analítico e sem deixar de contemplar os recortes regionais continentais com os quais o professor do segundo segmento está habituado a lidar.

Em suma, nossa avaliação de largo espectro da proposta é extremamente positiva por reunir inovação, coerência, fundamentação científica e viabilidade.

## **II – Análise das unidades temáticas e dos correspondentes arcabouços conceituais e situações geográficas**

A opção de estruturar a BNCC em eixos temáticos é, em nossa concepção, extremamente bem-vinda, uma vez que amplia os nexos entre os diferentes anos de escolaridade do ensino fundamental, trazendo um importante ganho de coesão ao currículo. Para além disso, os eixos concebidos são extremamente pertinentes, considerando as características do conhecimento geográfico. O primeiro eixo é absolutamente imprescindível, para guardar coerência com o objetivo geral da Educação Geográfica, enunciado na abertura do documento, de contribuir para a construção da identidade do aluno. Contudo, entendemos que a denominação escolhida para essa unidade temática pode transmitir significado distinto do pretendido e que se aproxima do apontado na segunda unidade temática. Em nosso ponto de vista o título “O Sujeito e o Mundo” pode ser entendido como uma tentativa de articular as escalas de análise local e global, com possibilidade de superposição semântica com o eixo “Conexões e Escalas”. Em nossa avaliação um título como “O Sujeito e o seu Lugar no Mundo” cumpriria o duplo papel de reforçar o vínculo da proposta do eixo com a escala de análise do lugar de vivência do aluno, ao mesmo tempo em que deixa clara a proposta de não resvalar no localismo que desconsidera contextos mais amplos. Em diálogo com essa afirmação, advogamos a inserção dos conceitos de “lugar” e “cultura” na célula “Principais categorias e conceitos” desse primeiro eixo.

O eixo “Conexões e Escalas” constitui outra elaboração extremamente feliz dos autores da proposta, por contemplar a preocupação com o necessário trânsito entre diferentes escalas de análise para dar conta do real na análise geográfica. Na célula “Situação Geográfica” sugerimos uma pequena inclusão: “Redes, hierarquias e interações espaciais”. O terceiro eixo é indispensável e, a nosso juízo, irretocável, dada a importância da dimensão econômica para a compreensão das dinâmicas e formas socioespaciais. O quarto eixo é, em nossa avaliação, a maior contribuição inovadora da BNCC, como já afirmamos anteriormente. Nossas observações quanto a essa unidade temática são, portanto, pontuais. Na célula “Principais categorias e conceitos”, propomos a mudança da expressão “representação temática” por “cartografia temática”, por entendermos que essa última demarca com maior clareza para os professores esse campo da cartografia tão fortemente associado aos geógrafos. Além disso, entendemos oportuna a inserção, nessa mesma célula da “Semiologia Gráfica” ou, pelo menos, com finalidade de simplificação “Simbologia Cartográfica”.

O quinto eixo, “Protagonismo e práticas espaciais” foi o único que provocou em nós uma ambiguidade analítica. Por um lado, fomos positivamente impactados pela ideia de dar relevo à preocupação com a formação cidadã através do foco nas iniciativas coletivas capazes de

transformar a realidade. Do mesmo modo, realçar as práticas espaciais é extremamente pertinente para a Geografia e ajuda a delinear a identidade da disciplina junto ao corpo discente. Por outro lado, esse foi o eixo cuja identidade nos pareceu menos clara, razão pela qual em diferentes momentos da distribuição dos objetivos de aprendizagem pelos anos de escolaridade identificamos conteúdos que poderiam (ou mesmo deveriam) estar alocados em outros eixos, em especial no último. Não estamos sugerindo a supressão desse eixo, mas pensamos que os autores poderiam reavaliar os objetivos de aprendizagem aí alocados, mesmo que isso signifique tornar essa unidade temática mais leve do que as outras. Em consonância com essas afirmações, gostaríamos de sugerir a reflexão se “Vida na cidade, na metrópole, no campo”, não deveria estar no primeiro eixo.

O sexto e último eixo, “Ambiente e Sustentabilidade” é absolutamente indispensável e contribui decisivamente para outro mérito do documento, que vem a ser o rompimento com a dicotomia entre físico e humano nos programas e livros didáticos de Geografia. Para reforçar essa contribuição, entendemos que manter a formulação “Sistema Terra” pode gerar leitura oposta à pretendida e apontar para uma semântica referente apenas à dimensão natural do espaço geográfico. Nossa sugestão seria algo na linha: “Sistema Terra e Sociedade”.

Para finalizar a análise desse aspecto da proposta curricular, queremos recomendar enfaticamente que seja incluído nesse texto introdutório um parágrafo que deixe claro que os eixos não representam uma proposta de sequenciamento de conteúdos ou objetivos de aprendizagem e que, ao contrário, permitem flexibilidade na construção de percursos de aprendizagem. Ainda que isso seja, até certo ponto, evidente para muitos, entendemos que é prudente sublinhar esse aspecto, para tentar fugir de críticas resultantes de leituras simplistas e equivocadas.